

Futebol e identidade na Argélia: a história da seleção da Frente de Libertação Nacional (1958-1962)

Football and Identity in Algeria: The History of the Football Team of the National Liberation Front (1958-1962)

Renato Machado Saldanha

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorando em Estudos do Lazer, UFMG

Verônica Toledo Ferreira de Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutoranda em Estudos do Lazer, UFMG

RESUMO: Mais do que um simples divertimento popular, espetáculo, ou entretenimento banal que se encerra em si mesmo, o futebol pode ser entendido como um importante fenômeno sociocultural, capaz de representar conflitos e contradições do tempo e do espaço em que está inserido. Neste trabalho, procuramos destacar a participação do futebol na construção da identidade nacional. Mais especificamente, buscamos resgatar a trajetória do selecionado formado pela Frente de Libertação Nacional, da Argélia, e sua participação na luta pela independência daquele país. A análise nos sugere afastar da tese simplista do futebol, bem como do sentimento de nação, como ferramenta ideológica de alienação e manipulação, apontando a possibilidade de disputas em torno dos significados atribuídos a eles.

PALAVRAS-CHAVES: Futebol; Identidade Nacional; Revolução argelina.

ABSTRACT: More than a simple popular entertainment, show, or banal entertainment that ends in itself, football can be understood as an important socio-cultural factor, capable of representing conflicts and contradictions of the time and space in which it is inserted. In this work, we seek to highlight the participation of football in the construction of the national identity. More specifically, we seek to rescue the trajectory of the selected formed by the National Liberation Front of Algeria, and their participation in the struggle for the independence of that country. The analysis obliges us to this simplistic aspect of football, as well as the feeling of nation, as an ideological tool of alienation and manipulation, allowing the possibility of disputes over the meanings derived from them.

KEYWORDS: Football; National Identity; Algerian Revolution.

INTRODUÇÃO

As origens do futebol moderno remetem ao momento de consolidação do modo de produção capitalista na Inglaterra do período vitoriano. As indústrias modificavam profundamente a forma como os homens e mulheres trabalhavam, o que contribuiu para solapar os resquícios da velha organização social feudal. Um novo mundo surgia. A burguesia se consolidava enquanto classe *para si*, necessitando de novas práticas sociais e hábitos que a diferenciasse da nobreza e do proletariado. Ao mesmo tempo, surgia uma classe trabalhadora urbana, que buscava novos referenciais de vida, já que suas práticas anteriores de ócio, trabalho e celebração coletiva se tornaram impraticáveis ou sem sentido na dura vida entre os cortiços e a frieza do maquinário fabril.¹

Neste contexto, o futebol moderno foi forjado dentro das escolas inglesas, como atividade pedagógica dedicada a promover entre os jovens de elite (futuros dirigentes) valores e atitudes desejáveis em um modo de vida burguês e atrelados aos interesses do império britânico em expansão. Entretanto, isso não impediu que outros grupos e localidades se apropriassem dessa prática, imprimindo nela outros sentidos e significados.²

Primeiro, foram os trabalhadores e trabalhadoras nos países centrais do capitalismo que se apropriaram dele. A conquista da “semana inglesa”, que reservava parte do sábado e o domingo para o descanso, propiciou a prática do futebol entre o operariado europeu, favorecendo o aumento significativo da assistência aos jogos e a proliferação de clubes de origem popular. Essas equipes, de certa forma, expressavam as divisões e os laços de solidariedade presentes na classe. Da mesma forma, ao se expandir pelo mundo no rastro das relações comerciais e coloniais europeias, esse esporte passou a ser utilizado para comunicar formas particulares de identidade social e cultural presentes nos países periféricos.

A capacidade de galvanizar sentimentos abstratos como solidariedade, afinidade ou aversão, materializando-os em um clube ou em uma rivalidade, talvez

¹ HOBBSAWN. *A era do capital*, p. 297.

² GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p. 18-21.

seja um dos grandes segredos da popularidade do futebol. “Sem descartar a importância da beleza do jogo, cremos que o sucesso do futebol está associado, em boa medida, à capacidade que as disputas têm de representar adequadamente certas tensões que são experimentadas no aspecto mais amplo da sociedade”.³

Portanto, mais do que um simples divertimento popular, espetáculo, ou entretenimento banal que se encerra em si mesmo, o futebol pode ser entendido como um importante fenômeno sociocultural, capaz de representar conflitos e contradições do tempo e do espaço em que está inserido. Não por acaso, Franco Júnior (2007) sugere ser possível traçar, a partir da análise histórica do futebol, uma micro-história da sociedade.

Neste trabalho, procuramos abordar a biografia de uma equipe de futebol e destacar a sua participação em um processo político mais amplo. Mais especificamente, buscamos resgatar a trajetória do selecionado formado pela Frente de Libertação Nacional, da Argélia, e sua participação na luta pela independência daquele país. Ao lançar luz sobre esse episódio, procuramos contribuir para um olhar mais complexo e desmistificado sobre esse esporte, fugindo de “lugares-comuns”, como a ideia do futebol como algo necessariamente alienante, ópio do povo, ou como algo “essencialmente” neutro, apolítico.

FUTEBOL, POLÍTICA E IDENTIDADE NACIONAL

Richard Giulianotti afirma que “O futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que formam e consolidam identidades nacionais no mundo inteiro”.⁴ No mesmo sentido, Arlei Damo e Ruben Oliver afirmam que: “Ao mobilizar as referências nacionalistas em um enfrentamento esportivo, o futebol reforça a nação enquanto categoria política e sentimental”.⁵ Édison Gastaldo (2017), pensando sobre a seleção brasileira, também destaca a sua capacidade de emblematizar, ritualizar, dramatizar e negociar significados caros à nossa identidade nacional, se transformando em um verdadeiro “símbolo informal da nacionalidade”.

³ DAMO; OLIVER. *Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico*, p. 43-4.

⁴ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p. 42.

⁵ DAMO; OLIVER. *Megaeventos esportivos no Brasil*, p. 42.

A tese dos autores é facilmente comprovada com fatos históricos. Ao analisar a trajetória dos primeiros anos do futebol no Rio de Janeiro, Leonardo Pereira (2000) mostra como as primeiras partidas de selecionados nacionais contra equipes estrangeiras se tornaram canais privilegiados de afirmação do orgulho nacional, merecendo destaque na imprensa e despertando a atenção das autoridades, zelosas que o prestígio do Brasil no exterior pudesse, de alguma forma, ser prejudicado pelo mau comportamento dos atletas e torcedores, ou mesmo pela simples presença de jogadores negros, que não correspondiam com a imagem “eugênica” que se desejava passar do brasileiro.⁶

Gilberto Agostino, em sua obra *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional* (2002), nos fornece fartos exemplos históricos de que o uso político do futebol não é uma exclusividade de governos brasileiros. Dos estados nazifascistas, de Mussolini e Hitler, a estados proletários do bloco soviético, passando por ditaduras e democracias em todos os continentes, diversos governos procuraram atrelar sua imagem ao desempenho de equipes ou à realização de eventos futebolísticos, geralmente com um duplo objetivo. Internamente, como instrumento de ritualização da fidelidade nacional e legitimação da ordem vigente, externamente, como ferramenta de diplomacia e propaganda.

Porém, menos conhecidos (e, suspeito, menos frequentes) são os episódios de utilização na “direção contrária”. Ou seja, os casos de uso do futebol como instrumento de mobilização popular, como símbolo de uma luta contra uma dominação ou ordem vigente. Podemos citar, por exemplo, a “Democracia Corinthiana”,⁷ como uma das expressões do movimento de reorganização da classe trabalhadora brasileira, que confluuiu para a queda do regime militar e a redemocratização do país. Ou as partidas disputadas durante a Segunda Guerra Mundial em territórios ocupados pelos nazistas, onde as equipes locais se

⁶ Nos referimos à “recomendação” que teria sido feita pelo Presidente da República Epitácio Pessoa de que, para o Sul-americano de 1922, só fossem escalados atletas de pele branca e cabelo liso, para evitar que a torcida e a mídia estrangeira os apelidassem de “macacos”.

⁷ “Democracia Corinthiana” foi como ficou conhecido um período de relativa autogestão do time do Corinthians, entre 1982 e 1984. Nesse período, questões como regras de concentração, contratações e horários de treinos eram decididas entre os próprios jogadores. Sócrates, Casagrande, Wladimir e Zenon, eram os principais líderes daquele grupo.

recusavam a perder para o invasor.⁸ Ou ainda, a história de diversos clubes operários pelo mundo, ou aqueles fortemente identificados com a luta por autonomia regional (caso do Barcelona, da Catalunha, e o Atlético de Bilbao, do País Basco).

Outros exemplos de utilização do futebol para manutenção ou confrontação do *status quo* poderiam ser citados para indicar que não é possível apontar no futebol nenhum direcionamento político específico, determinado *a priori*, seja ela alienante, reacionária ou revolucionária. As mesmas camisas amarelas que hoje estão fortemente associadas na política nacional a posições conservadoras e reacionárias, já foram símbolo da progressista luta pelas “Diretas já!”, nos anos 1980. Como nos indica Denaldo Souza, inspirado em Eric Hobsbawm, “o futebol, assim como a identidade nacional, é invenção e reinvenção de governantes e governados, dominantes e dominados. É espaço de integração e conflito”.⁹

Ou seja, as contradições sociais marcam o futebol, e as disputas presentes na sociedade se expressam através dele – muitas vezes de forma potencializada e mais “tangível”. Compreender os significados e valores que são atribuídos ao futebol requer, portanto, compreender o contexto mais amplo em que ele está inserido.

A COLONIZAÇÃO FRANCESA E A LUTA PELA INDEPENDÊNCIA DA ARGÉLIA

No início do século XIX, o modelo de desenvolvimento econômico das nações da Europa ocidental conduziria esses países à conquista colonial. O capitalismo em expansão exigia novas fontes de matérias-primas – principalmente minérios e produtos agrícolas–, ao mesmo tempo em que necessitava de mercados consumidores para escoar seus produtos e capitais excedentes. Inicia-se, assim, o período imperialista, com uma corrida entre as nações capitalistas pelo domínio de grandes extensões territoriais na Ásia e África.

⁸ Conf.: Dougan, *Futebol & Guerra*, 2004.

⁹ SOUZA. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções de identidade nacional (1930-1947)*, p. 28.

O território da Argélia esteve por trezentos anos sob o domínio do Império Turco-Otomano. Em 1827, utilizando como pretexto um suposto desentendimento entre a representação diplomática francesa e uma autoridade local, a França estabelece um bloqueio marítimo à região e, três anos depois, inicia a ocupação militar do território.¹⁰

Sob o domínio francês, a população local foi, aos poucos, sendo expropriada das melhores terras, que eram destinadas a colonos franceses que substituíam a produção local, orientada ao atendimento do mercado interno, por trigo, frutas cítricas e uvas, voltados para a metrópole. Essa política desestruturou completamente a economia local, e condenou grande parte da população argelina à miséria. Esse estado de coisas foi se agravando paulatinamente por todo restante do século XIX, sem que as pequenas tentativas de resistência local pudessem alterar significativamente essa tendência geral.

No início do século XX, a Argélia viveria certo desenvolvimento econômico, ainda que sob a marca do colonialismo, com a intensificação da exploração de minérios, expansão da agricultura e a construção de uma infraestrutura de transportes. Isso ampliou (ainda que de forma bastante limitada) às possibilidades econômicas dos argelinos, e contribuiu para diversificar aquela sociedade.

A partir de então, a possibilidade, ainda que remota, de estudos na metrópole, favoreceu a articulação, entre estudantes originários do norte da África (Maghreb), das primeiras organizações pró-independência das colônias francesas. Surgem grupos como a Estrela Norte-Africana (ENA), de 1926, e a União dos Muçulmanos Norte-Africanos (UMNA), de 1935. A resposta rápida e dura da repressão do estado francês a estas organizações não impediu que a pauta nacionalista e anticolonialista crescesse na região.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), soldados argelinos integraram as tropas francesas que combateram o nazismo. Muitos entre eles nutriam a expectativa de que, ao final do combate, a libertação da França significaria também a libertação da Argélia. Entretanto, não foi isso o que aconteceu. Derrotada a Alemanha, a França se dedicou a reafirmar seu domínio sobre as colônias, recrudescendo a repressão contra qualquer reivindicação de

¹⁰ YASBEK. *A revolução argelina*, 2010.

independência ou de igualdade de direitos entre argelinos e franceses. A violência do colonizador afastava do horizonte das organizações nacionalistas argelinas qualquer possibilidade de independência pela via institucional ou negociada.

O nacionalismo argelino se mostrava cada vez mais convencido de que a via legal de emancipação estava esgotada, ou melhor, nunca tivera espaço para se desenvolver por causa da violenta repressão francesa. A França, com sua tão propalada defesa dos ideais revolucionários do século XVIII, mostrou que, quando se tratava de colonialismo, a democracia tornava-se somente um discurso pouco consistente, um encobrimento dos mecanismos encarregados de manipular as relações entre colonizados e colonizadores. A Argélia pertencia à França, mas não lhe era permitido partilhar do sistema democrático e liberal francês.¹¹

Este contexto levou à fusão de diversos pequenos partidos nacionalistas, em 1954, na Frente de Libertação Nacional (FLN), organização revolucionária dedicada à conquista da independência argelina incondicional, pela via do confronto armado. Na madrugada de 1º de novembro de 1954, se iniciaria a insurreição armada, com ataques orquestrados de militantes da FLN a alvos militares e oficiais do poder colonial em diversas localidades da Argélia, no que ficou conhecido como “*Toussaint rogue*” (em referência ao dia de todos os santos, no calendário cristão). Se seguiu um confronto extremamente violento, com uma dura reação francesa e o uso frequente de atentados terroristas, torturas e massacres, que deixaram um saldo de mortos de centenas de milhares de argelinos e 30 mil franceses, em oito anos de combate.

Após um início bastante sangrento, entretanto, os resultados não eram os esperados pelos insurretos.

No campo militar, o Exército de Libertação Nacional era o braço armado da FLN, e encontrava sérias dificuldades. Sua guerra de guerrilhas se concentrava no campo e só chegou à capital, Argel, em 1957, onde foi brutalmente reprimida pelas tropas de elite do exército colonial francês, (...). Durante os oito anos de guerra e apesar dos esforços, a FLN não chegou a controlar nenhuma parte do território nem tampouco chegou a vitórias emblemáticas como a da Guerra da Indochina. Seus principais quadros foram obrigados a deixar o território e de Túnis, Rabat ou o Cairo, comandavam as tropas do ELN que agiam nas regiões desérticas fronteiriças com o Marrocos e a Tunísia.¹²

¹¹ YASBEK. *A revolução argelina*, p. 46-7.

¹² DELMAS. *A Guerra de Libertação da Argélia e a circulação de ideias: revoluções na América Latina*, p. 2.

A FLN passa a investir na estratégia de somar a pressão política internacional à força das armas. A guerra se tornou cada vez menos militar (embora sem abdicar nunca dessa via) e cada vez mais política. A intenção era sensibilizar a opinião pública estrangeira sobre a ilegitimidade da colonização, pressionando as Nações Unidas a reconhecerem o direito de autodeterminação do povo argelino, e a existência de uma Guerra entre França e Argélia, dois países diferentes.

O nacionalismo argelino articulava, em torno da luta anticolonial e anti-imperialista, a tradição islâmica e o socialismo internacional. Essa característica marca a estratégia de propaganda externa, centrada em conseguir aliados para a causa argelina na Assembleia da Organização das Nações Unidas principalmente entre os países islâmicos, entre os países socialistas, e entre aqueles chamados então de “terceiro mundo”.

Para essa tarefa, os argelinos instituíram unilateralmente um Governo Provisório da República da Argélia (com sede em Túnis), passaram a publicar uma versão francesa de seu jornal (El Moudjahid), e lançaram mão de jornalistas e emissários enviados pelo mundo, para organizar conferências e palestras.¹³ No bojo dessas ações de propaganda foi criado um time de futebol. Frantz Fanon, intelectual ligado à FLN e à luta pela independência argelina, aponta ainda para o papel educativo que os esportes poderiam cumprir internamente naquele contexto.

A concepção capitalista do desporto é fundamentalmente diferente da que deveria existir num país subdesenvolvido. O político africano não se deve preocupar em formar desportistas, mas homens conscientes que, aliás, sejam desportistas. Se o desporto não se integra na vida nacional, isto é, na construção nacional, se se formam desportistas nacionais e não homens conscientes, depressa se verificará a ambição do desporto pelo profissionalismo e pelo comércio. O desporto não deve ser um jogo, uma distração para brindar a burguesia das cidades. A tarefa mais importante é compreender a todo o momento aquilo que se passa no país. Não devemos cultivar o excepcional, procurar o herói, outra forma de “leader”. É necessário elevar o povo, conscientizá-lo, enriquecê-lo, distingui-lo, humanizá-lo.¹⁴

E é a história dessa equipe de futebol que procuramos resgatar a seguir.

¹³ ARAÚJO. A voz da Argélia: a propaganda revolucionária da Frente de Libertação nacional argelina no Brasil, 2017.

¹⁴ FANON. *Os condenados da terra*, p. 203.

O REVOLUCIONÁRIO XI ARGELINO

No campo militar, a correlação de força pendia desfavoravelmente aos anseios dos revolucionários argelinos. A repressão violenta isolou os membros da FLN, obrigando-os ao exílio, ou afastando-os do contato mais próximo com a população argelina. O desafio era conquistar apoio internacional e manter vivo o sentimento nacionalista entre os argelinos.

Mohamed Boumezrag, um ex-jogador argelino com passagem pelo futebol francês, é apontado como mentor da ideia. Ele tinha participado, um ano antes, do Festival Mundial da Juventude, em Moscou, onde uma equipe de jovens argelinos havia representado o esporte local no evento, sob uma bandeira verde e branca. Também serviu de inspiração a equipe do Norte da África, que enfrentou e venceu (3 a 0) a seleção francesa em uma partida beneficente após o terremoto que abalou Orlansville em 1954.

Com a ajuda do atacante Mokhtar Arribi, então jogador profissional na França, Boumezrag contatou um por um os jogadores, propondo a participação na equipe que se formava. Com a resposta positiva de 11 deles o plano foi colocado em prática. Nos dias 13 e 14 de abril de 1958, os jogadores, de diferentes partes da França, fugiram de seus times sem levantar suspeitas. O cuidado se justificava pelo fato de que, desde 1955, estava em vigência na França uma lei marcial, que punia severamente qualquer contribuição às insurreições das colônias. Além disso, alguns jogadores tinham *status* militar e poderiam ser punidos como desertores, de forma ainda mais dura.

Poucos dias depois, se reuniram em Túnis, na Tunísia, Rachid Mekhloufi (jogador do Saint-Etienne), Mustapha Zitouni, Abderrahmane Boubekour e Kaddour Bekloufi (ligados ao AS Monaco), Abdelhamid Kermali (do Lyon), Amar Rouiai (SCO Angers) Said Brahimi, Abdelhamid Boutchouk (Toulouse FC) e Hocine Bouchache e Abderrahmane Soukhane (Le Harvre AC). Os dois primeiros da lista eram jogadores da seleção francesa, e estavam presentes na lista de pré-convocados para disputar a Copa do Mundo na Suécia, poucos meses depois. Logo na sequência, Abdelaziz Ben Tifour, jogador do AS Monaco, que havia disputado a Copa da Suíça, em 1954, pela seleção francesa, também se junta ao grupo, que iniciava sua preparação.

A presença de jogadores da elite do futebol francês na equipe tornou o fato ainda mais impactante, rompendo o silêncio midiático que predominava na França sobre a questão argelina. Segundo Rachid Mekhloufi, “Na França, nós, jogadores de futebol, não podíamos falar de política, portanto não fiz isso em público... Até ir embora, claro. Muitos franceses e pessoas ao redor do mundo ficaram sabendo o que acontecia na Argélia graças a nós”.¹⁵

A Federação Francesa de Futebol (FFF) protestou. A Federação Internacional de Futebol (FIFA) ameaçou punir severamente as seleções que enfrentassem essa equipe, inclusive com expulsão. Outros jogadores, que mais tarde teriam tentado se integrar ao grupo, seriam presos pelo governo francês.¹⁶ Ainda assim, estava formada a seleção da Frente de Libertação Nacional Argelina, o Revolucionário XI, ou Le Onze de l'Indépendance (O Onze da Independência).

A primeira partida oficial da equipe nacional da FLN foi contra a seleção da Tunísia, finalista dos Jogos Pan-Árabes em Beirute um ano antes. Vitória dos argelinos, por 8 a 0. Logo em seguida, a equipe participaria, junto com as seleções da Líbia, Marrocos e Tunísia, do Torneio Djamilia Bouhired, em homenagem à militante da independência argelina que havia sido presa em 1957 e condenada à morte por atos terroristas pelo estado francês. Após vencer por 2 a 1 a equipe marroquina no primeiro jogo, os argelinos enfrentaram a Tunísia (que havia vencido a Líbia por 4 a 1) na final, se sagrando campeões com uma vitória por 5 a 1.¹⁷

Além da Tunísia, a equipe da FLN passou por mais 13 países: Bulgária, China, Tchecoslováquia, Hungria, Iraque, Jordânia, Líbia, Marrocos, Vietnã do Norte, Polônia, Romênia, União Soviética e Iugoslávia, algumas vezes sendo recebida pela autoridade máxima do país, caso do Vietnã, quando foi recepcionada pelo presidente Ho Chi Minh, e da China, onde se encontraram com o primeiro-ministro Chou En-Lai. Ao todo, em

¹⁵ PEINADO. *Futebol à esquerda*, p. 268.

¹⁶ O que não evitou que, nos próximos dois anos, pelo menos outros 20 jogadores viessem a se integrar ao grupo original.

¹⁷ A participação nesse torneio atrasou em dois anos o ingresso de Tunísia e Marrocos, então membros aspirantes, no quadro efetivo de membros da FIFA. A partir daí, se tornou comum que as equipes adversárias enfrentassem a seleção da FLN com nomes falsos, representando sindicatos locais ou a cidade de origem, em uma manobra para evitar as punições por parte da FIFA.

quatro anos, foram 92 jogos, com 65 vitórias, 13 empates e 14 derrotas, com 389 gols marcados e 135 gols sofridos.¹⁸

Em março de 1962, termina a guerra, e a independência argelina é declarada em 5 de julho de 1962. Com isso, a equipe é dissolvida, substituída oficialmente pela Seleção Argelina. Alguns jogadores, como Bouchouk, Bentifour, Kermali, Zitouni, Bekhloufi, Boubekeur, retornaram ao futebol argelino, amador, como jogadores ou treinadores. Outros tentam retornar suas carreiras profissionais. Caso de Mohamed Soukhane, Said Amara e Ahmed Oudjani que voltaram para seus clubes na França.

Rachid Mekhloufi, estrela da equipe, teve uma curta passagem pelo Servette da Suíça antes de retornar ao Saint-Etienne. Pela equipe francesa, ele, que já havia contribuído para o primeiro título francês do clube, na temporada 1956-57, voltaria a ser campeão três vezes (1963-64, 1966-67, 1967-68), além de campeão da Copa da França na temporada 1967-68. Nesse último título, ironia do destino, ele receberia o troféu das mãos do Presidente francês Charles de Gaulle.¹⁹

REFLEXÕES FINAIS

Hoje, quando pensamos em multidões de camisa amarela, batendo a panela, como nos versos da música “Pelas tabelas”, de Chico Buarque, não imaginamos que algo progressista possa sair daí. Da mesma forma, a velha tese do futebol como “ópio do povo”, instrumento de alienação, ganhou força no senso comum, principalmente após a efervescência política que cercou a Copa do Mundo realizada no Brasil, em 2014. O “sentimento nacional” é, assim, normalmente pensado como uma construção ideológica destinada a apagar diferenças e contradições internas, em prol de um projeto de manutenção das relações de exploração e dominação dentro das fronteiras nacionais.

Da mesma forma, o futebol, como espaço privilegiado de expressão do sentimento de nação, é descartado por parte da intelectualidade de esquerda como ferramenta de mobilização. Ao resgatar a história da seleção formada pela Frente

¹⁸ Conf.: Lista completa de jogos e resultados.

¹⁹ PADILLA. Golpear al enemigo con un balón, 2013.

de Libertação Nacional da Argélia, e sua participação na luta pela independência, buscamos lembrar de que tais construções simbólicas, em torno do sentimento de nação, e do futebol, não são fixos, ou livres de mudanças e disputas.

O nacionalismo anticolonial e anti-imperialista da Argélia e tantos outros movimentos independentistas, principalmente nos países periféricos do capitalismo, se fundamenta na defesa da autodeterminação dos povos, uma pauta histórica da esquerda mundial. Na reflexão de Frantz Fanon, esse é uma luta que aproxima os povos, não se opondo, portanto, a aspirações internacionalistas.

Se o homem é aquilo que faz, afirmaremos que o mais urgente, neste momento, para o intelectual africano, é a formação da sua nação. Se essa construção é verdadeira, quer dizer, se traduz a vontade evidente do povo, se revela, na sua impaciência, os povos africanos, então a construção nacional vai acompanhada necessariamente do descobrimento e da promoção de valores universais. Longe de se afastar, pois, das outras nações, é a libertação nacional que a torna presente no cenário da História. É no coração da consciência nacional que se eleva e se aviva a consciência internacional.²⁰

Por fim, vale destacar o surgimento recente de torcidas organizadas antifascistas, ou manifestações de clubes, torcedores e jogadores em torno de pautas como o combate ao racismo, à homofobia ou a xenofobia, que nos indicam a possibilidade permanente de disputa dentro do campo esportivo.

* * *

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

AMARA, Mahfoud; HENRY, Ian. **Between Globalization and Local 'Modernity'**: The Diffusion and Modernization of Football in Algeria, Soccer & Society, London, v. 5, n. 1. p. 1-26, 2004.

ARAÚJO, Rodrigo. A voz da Argélia: a propaganda revolucionária da Frente de Libertação nacional argelina no Brasil. Independência Nacional e revolução socialista (1954-1962). **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 61, p. 401-24, 2017.

²⁰ FANON. *Os condenados da terra*, p. 260.

DAMO, Arlei; OLIVEN, Ruben. **Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico**. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2014.

DELMAS, Ana Carolina G. A Guerra de Libertação da Argélia e a circulação de ideias: revoluções na América Latina. In: X Semana de História Política/VII Seminário Nacional de História, 2015, Rio de Janeiro. **Anais da X Semana de História Política**. Rio de Janeiro, 2015, v. 1, p. 1-3323.

DOUGAN, Andy. **Futebol & Guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa, Ed. Ulisseia, 1961.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GASTALDO, Édison, As duas copas do mundo de 2014. In: _____. (Org.) **Copa do Mundo 2014: futebol, mídia e identidades nacionais**. Rio de Janeiro: Lamparina, Leme, 2017.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HOBBSBAWN, Eric. **A era do capital, 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

JACQUET, Vincent. D'instrument de propagande à miroir de la guerre d'Algérie: l'équipe de football du Front de Libération Nationale, 1954-1962. **Bulletin de l'Institut Pierre Renouvin**, n. 47. p. 121-31, 2018.

LISTA COMPLETA DE JOGOS e resultados. Disponível em: <http://www.rsssf.com/tablea/alg-fln-intres.html>.

PADILLA, Toni. Golpear al enemigo con un balón. **Revista Panenka**, n. 20, p. 78-82, jun. 2013.

PEINADO, Quique. **Futebol à esquerda**. São Paulo: Madalena, 2017.

PEREIRA, Leonardo. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SOUZA, Denaldo. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções de identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Annablume, 2008.

YAZBEK, Mustafa. **A revolução argelina**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

* * *

Recebido para publicação em: 09 out. 2020.

Aprovado em: 10 nov. 2021.